

IV SEMINÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – PGCS UFES. 05 A 08 DE NOVEMBRO DE 2019, UFES,
VITÓRIA – ES.

**Seguindo redes e ramificações de produção de conhecimentos em práticas de cura
a partir do uso das Plantas Medicinas e Fitoterápicos no Município de Vitória –
ES.**

Shiara Arruda de Souza.

Universidade Federal do Espírito Santo.

Resumo: Os seres humanos sempre utilizaram plantas e ervas na prevenção e tratamento de doenças e enfermidades, porém a partir da Revolução Científica decorrida por volta do século XVII os conhecimentos sobre as Plantas Mediciniais foram sendo empurrados para as margens enquanto a medicina, a farmácia e posteriormente a indústria farmacêutica construíram o terreno que tem configurado aos medicamentos químicos-sintéticos-industriais uma hegemonia na terapêutica contemporânea. Ainda assim as Plantas Mediciniais e posteriormente os Fitoterápicos continuaram a ser utilizados, sobretudo por serem mais acessíveis para a maior parte da população global. Se por um lado o que assistimos é a dificuldade de acesso a esses medicamentos devido ao seu alto custo, por outro tem ocorrido o fortalecimento do que Michel Foucault define por Biopolítica; Esse processo pode ser observado através do fenômeno da Medicalização/Medicamentação. Nesse sentido considerou-se relevante entender de que maneira tem-se construído caminhos “outros” aos “ofertados” por essa rede estabelecida como a mais “legítima” e hegemônica, bem como, entender se esses caminhos conferem aos sujeitos mais autonomia frente ao fenômeno da Medicalização/Medicamentação. Sendo assim esta pesquisa propõe rastrear e mapear a rede que compõe a produção de conhecimentos em práticas de cura a partir do uso de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos em quatro pontos no Município de Vitória – ES. Para tanto a pesquisa será realizada a partir da perspectiva da Antropologia Simétrica - considerando a ideia de simetria entre humanos e não-humanos - e dos princípios teórico-metodológicos da Teoria Ator-Rede.

Palavras-chave: Biopolítica, Plantas Mediciniais e Fitoterápicos, Teoria Ator-Rede.

Abstract: Humans have always used plants and herbs in the prevention and treatment of disease and illness, but since the Scientific Revolution around the 17th century, knowledge about

Medicinal Plants has been pushed to the margins while medicine, pharmacy and later the pharmaceutical industry built the ground that has made the chemical-synthetic-industrial medicines a hegemony in contemporary therapy. Yet Medicinal Plants and later Phytotherapics continued to be used, especially as they are more accessible to most of the global population. While on the one hand what we are witnessing is the difficulty of access to these drugs due to their high cost, on the other hand there has been the strengthening of what Michel Foucault defines as Biopolitics; This process can be observed through the phenomenon of Medicalization / Medication. In this sense, it was considered relevant to understand how “other” paths have been constructed to “offered” by this network established as the most “legitimate” and hegemonic, as well as to understand if these paths give the subjects more autonomy in the face of the phenomenon of Medicalization / Medication. Thus this research proposes to trace and map the network that makes up the production of knowledge in healing practices from the use of Medicinal and Phytotherapeutic Plants in four points in the city of Vitória - ES. Therefore, the research will be conducted from the perspective of symmetrical anthropology - considering the idea of symmetry between humans and nonhumans - and the theoretical-methodological principles of Actor-Network Theory.

Keywords: Biopolitics, Medicinal and Phytotherapeutic Plants, Actor-Network Theory.

OBJETIVOS (Problema de Pesquisa)

Mesmo a medicina científica sendo apenas mais uma possibilidade de terapia disponível para a população brasileira no século XIX, com sua oficialização os terapeutas populares e seus saberes foram perdendo progressivamente seu espaço o que fortaleceu ainda mais as ciências biomédicas e todo complexo médico-industrial que envolve a produção de medicamentos. (SALGADO, T.S, 1998; 2004). Ainda assim até o século XX as plantas medicinais foram amplamente utilizadas, sobretudo pelas camadas menos favorecidas economicamente uma vez que os medicamentos não têm preços acessíveis para a maior parte da população global. De acordo com Jorquera (1993) e Alves e Silva (2002) os dados da Organização Mundial da Saúde revelam que quase 80% da população mundial precisa fazer uso de plantas medicinais para os cuidados primários em saúde. Ainda segundo Drummond, E.D; Simões, T.C; Andrade, F.B, (2018) apenas dois terços da população mundial tem acesso aos medicamentos, sendo que 15% das pessoas que vivem em países desenvolvidos consomem mais de 90% da produção mundial de produtos farmacêuticos.

Se por um lado existe a dificuldade de acesso aos medicamentos químicos sintéticos devido ao seu alto custo, por outro tem ocorrido o fortalecimento do fenômeno da “Medicalização da Vida” que em termos gerais é entendida como uma apropriação das questões cotidianas da vida pelos saberes médicos gerando uma extrapolação desse poder não existindo mais exterioridade a esse saber. No texto “O nascimento da medicina social”¹ Michael Foucault (1974) define o seu conceito de Medicalização a partir do nascimento da medicina social. A hipótese apresentada é que o investimento capitalista no controle da sociedade sobre os indivíduos não se dá somente pela consciência ou pela ideologia, mas começa antes de tudo no corpo, no biológico, no somático. A Medicalização é um dispositivo central dentro do que ele chama de Biopolítica.

Em “Vontade de Saber”² Foucault (1999) apresenta a noção de Biopolítica como resultante das profundas transformações operadas nos mecanismos de poder que ocorreram no ocidente a partir da época clássica. Se antes esses mecanismos situavam-se muito mais na ideia de confisco que gerava o direito de morte, agora esse se torna apenas mais um mecanismo entre outros vários, como o controle e a vigilância; A grande transformação se deu por que essas forças em sua grande maioria não estão mais direcionadas a subtrair a vida impondo a morte, mas sim em produzir a vida de forma controlada, vigiada, ordenada. Um poder que se exerce positivamente sobre a vida.

Existe um deslocamento da soberania jurídica do direito de matar para outra soberania, a biológica, a soberania de uma poder que se exerce “ao nível da vida da espécie, da raça e dos fenômenos maciços de população” (FOUCAULT, 1999, p. 129). O poder político e econômico, por meio das instituições assume a tarefa de gerir a vida. Para Foucault esse poder se desenvolveu inicialmente de duas formas: as disciplinas do corpo e a regulação das populações tendo como objetivo primordial investir sobre a vida de cima para baixo. “Abre-se assim a era de um bio-poder”. (FOUCAULT, 1999, p. 131). O bio-poder se estruturou tanto no controle dos corpos dentro do aparelho de produção, como no ajustamento das populações aos processos econômicos se constituindo como elemento indispensável do capitalismo.

¹ Conferência proferida por Michael Foucault em 1974 - no Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

² FOUCAULT, M. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal; 1999.

O capitalismo por sua vez promove o investimento no desenvolvimento dos conhecimentos a respeito da vida, das técnicas e dos procedimentos de poder para controlá-la e modificá-la e pela primeira vez na história o biológico passa a se refletir na agenda político-econômica sendo absorvido em todos os níveis do corpo social e utilizado por instituições diversas (a família, o exército, a escola, a polícia, a medicina individual ou a administração das coletividades) garantindo relações de dominação e efeitos de hegemonia.

Nesse sentido existe uma biopolítica em curso fomentada pela relação entre Indústria Farmacêutica e saber médico, a primeira produz o medicamento químico sintético, mas é a segunda que pode prescrever e recomendar o seu uso. Existe um biopoder que se manifesta sobre a forma de Medicalização da vida, ou seja, quanto maiores forem os diagnósticos médicos com definição de patológicos para situações habituais transformando problemas cotidianos da existência em problemas médicos-farmacológicos, maior será a busca por um tratamento que seja ao mesmo tempo rápido e eficaz e aí surge à chamada Medicamentação,

[...] o termo “medicamentação” se refere ao uso de medicamentos em situações que, anteriormente, não eram consideradas problemas médicos e, conseqüentemente, não existia um tratamento farmacológico para tal. Portanto, a medicamentação pode ser considerada uma das conseqüências da medicalização. (BRASIL, 2018, p.13).

O medicamento químico sintético diferentemente do uso popular das plantas medicinais tem gerado um dispositivo que atende tanto a agenda capitalista através da complexa rede que envolve a produção, a regulação, a distribuição e a comercialização dos mesmos (GOTZCHE, 2016), (RIBEIRO, JURUENA, 2013) (SANVITO. W. L, 2012), (GADELHA, 2003), (BARROS, J.A.C, 2000/1983), (CORDEIRO, 1980) como a constante legitimação da racionalidade técnico-científica representada pelo saber médico que deslegitima outros saberes “O capital que oferece o “comprimido da salvação” é o mesmo que cria as epidemias de adoecimento etiquetado” (TESSER, 2007, p. 73).

Diante desse cenário surge o problema de pesquisa: Existe uma rede complexa em torno do medicamento químico-sintético-industrial que opera dentro de um vetor

biopolítico de controle dos corpos sustentado pela hegemonia da biomedicina responsável por “deslegitimar” outras formas de práticas terapêuticas incluindo o uso das Plantas Medicinais, mesmo que estas tenham sido durante milhares de anos a principal referência para cura de doenças e enfermidades. Portanto considerou-se relevante uma pesquisa que busca rastrear as redes e ramificações da produção de conhecimento em práticas de cura a partir do uso das Plantas Medicinais e dos Fitoterápicos para compreender de que maneira, pessoas e grupos têm construído caminhos “outros” aos “ofertados” pela rede de produção de conhecimento que tem se estabelecido como a mais “legítima” e se configurado como hegemônica.

Busca-se: 1. Compreender qual a percepção dos sujeitos da pesquisa a respeito da terapêutica hegemônica baseada no uso do medicamento químico-sintético-industrial; 2. Verificar se o uso das Plantas Medicinais e dos Fitoterápicos promovem mais autonomia dos sujeitos acerca dos seus corpos ajudando a combater o fenômeno da Medicalização/Medicamentação e 3. Por fim compreender como se estabelece a relação dos sujeitos humanos com os sujeitos não-humanos da pesquisa (no caso as plantas utilizadas com fins medicinais) observando o que os agentes não-humanos podem nos dizer do cenário estudado.

JUSTIFICATIVA

Essa pesquisa partirá da perspectiva de uma Antropologia Simétrica proposta no Livro: “Jamais Fomos Modernos: Ensaio de Antropologia Simétrica” (1994) do antropólogo Bruno Latour. Latour afirma que jamais fomos modernos não por que a modernidade não tenha existido, mas por que o que ela promete é um projeto irrealizável. Ao separar as existências em categorias monológicas ou só naturais ou só socioculturais criou-se as condições para não compreendê-las em sua complexidade. O discurso da modernidade fatia a análise dos acontecimentos de modo que o fio que interconecta as coisas é invisibilizado fazendo, por exemplo, com que questões como o aumento do buraco na camada de ozônio, que envolve uma série de agentes heterogêneos (químicos, meteorologistas, clorofluorcarbonetos, ecologistas, refrigeradores, aerossóis, tratados internacionais) seja reduzido ou as categorias da natureza, ou da política ou do discurso. Assim as apreensões do mundo ficam atreladas ou a naturalização, ou a socialização ou a desconstrução.

Nesse sentido o autor chama atenção para o fato de a antropologia se propor reunir em seus estudos os diversos elementos heterogêneos tratando “sem crises e sem crítica o tecido inteiriço das naturezas-culturas” (LATOURE, 1994, p.12) quando o “Outro” são os povos tradicionais e seus remanescentes os antropólogos reúnem então em uma mesma monografia as genealogias, os mitos, as formas de política, religiões, ritos e etnociências, porém ao tratar do mundo moderno recaem novamente no discurso dualista entre Natureza/Cultura e Sujeito/Objeto. O projeto moderno de leitura do mundo buscou invisibilizar a constituição das redes formadas pelos híbridos e reforçou a ideia purista de distinção entre humanos e não-humanos. O que Latour propõe é que retomemos o olhar para as redes híbridas desfazendo essa distinção hierárquica.

De posse desses objetos híbridos de investigação, a própria antropologia perderia sua ligação exclusiva com as culturas ou com as dimensões culturais, mas ganharia as naturezas, o que, segundo Latour, teria um valor inestimável. Além disso, uma vez que todas essas questões sobre causas, efeitos e elos podem ser levantadas em todos os lugares, abre-se um campo ilimitado de estudo para a antropologia (Latour, 2000). (FREIRE, L. L, 2006, p.54).

A oposição entre humanos e não-humanos que faz invisibilizar os híbridos de natureza e cultura é então um projeto delirante³, uma interpretação errônea da realidade por que tudo no mundo é resultado da interconexão entre os elementos humanos e não-humanos, sujeitos e objetos. E por mais que os humanos pensem estar no “controle” das relações, os híbridos estão se proliferando ao ponto de não poderem mais ser ignorados. As grandes inovações tecnológicas contemporâneas vem nos mostrando o quanto nossas interações são pautadas por outras existências, palpáveis e não palpáveis, objetivas e subjetivas. Cada dia mais temos nossas existências interconectadas pelas inovações da ciência e da tecnologia; celulares, carros, computadores, chips, estão tão imersos em nós, como nós neles. Mas apesar de Latour ter formulado sua hipótese a partir de uma análise crítica da ciência e da tecnologia mostrando como novos híbridos são constantemente criados em laboratórios os elementos não-humanos que constituem o que chamamos natureza, ou seja, o mundo animal e vegetal também precisam ser inseridos em uma análise simétrica. Nesse sentido ao invés de uma antropologia comparada precisamos realizar uma antropologia simétrica.

³ De acordo com o dicionário HOUAISS (2009) Def. 1. “Convicção errônea mantida por uma pessoa, baseada em falsas conclusões tiradas dos dados da realidade exterior, e que não se altera mesmo diante de provas ou raciocínios em contrário”.

Um olhar simétrico sobre as plantas pode ser visto no ensaio intitulado “A vida das Plantas: uma metafísica da mistura” (2016) do filósofo italiano Emanuele Coccia. Coccia nos faz recobrar que as plantas estão presentes no planeta Terra há milhares de anos antes do surgimento de todos os animais superiores incluindo os seres humanos e é justamente pelo exercício que elas fazem para promover sua existência é que se fazem presentes as condições necessárias para a vida humana no planeta.

Mas também, e sobretudo, elas transformaram para sempre o rosto do nosso planeta: foi através da fotossíntese que nossa atmosfera passou a ter mais oxigênio; é ainda graças às plantas e a sua vida que os organismos animais superiores podem produzir a energia necessária a sua sobrevivência. E por e através delas que nosso planeta produz sua atmosfera e faz respirar os seres que cobrem sua pele. A vida das plantas é uma cosmogonia em ato, a gênese constante de nosso cosmos. (COCCIA, 2016, p.16)

Ainda assim o papel fundamental das plantas nas coletividades foi negligenciado inclusive pela biologia e o postulado de que: “*as plantas não tem voz alguma*” as fariam mortas para o pensamento, ou seja, elas não ofereceriam interesse algum nem para a filosofia nem para as demais ciências humanas. Coccia assim como Latour nos convida a despertar do delírio nos posicionando frente uma realidade onde as plantas não só estão por toda parte da paisagem, mas se transfiguram em nossa respiração, alimentação, nutrição, cura, produção e técnica. A maneira como reprimimos o papel fundamental das plantas, impede assim como previsto pelo projeto da modernidade, que vejamos como elas não só moldam o nosso mundo, mas constituem o meio pelo qual nos relacionamos e produzimos conhecimento.

A vida das plantas nos permite compreender que a gênese do mundo está na relação de causa e consequência da mistura de elementos heterogêneos que estão contidos um no outro, ou seja, é um processo que está em perpétuo andamento, ocorrendo a todo o momento, existindo em toda parte, nesse sentido o autor nos convida a compreender o mundo a partir de um “ponto da vida” e não de um ponto de vista, justamente por que o mundo é um produto dos vivos e suas produções, inclusive a técnica que desenvolve os objetos é uma projeção de nós mesmos no espaço.

O que as plantas nos ensinam é que a vida é uma constante combinação de elementos distintos que não dissocia os objetos e as substâncias, elas “Transformam tudo o que tocam

em vida, fazem da matéria, do ar, da luz solar o que será para o resto dos seres vivos um espaço de habitação, um mundo” (COCCIA, 2016, p.14). Elas não fazem uma relação seletiva do universo que as rodeia e

Convidam-nos a pensar o mundo físico como o conjunto de todos os objetos, o espaço que compreende a totalidade de tudo o que foi, é e será: o horizonte definitivo que já não tolera nenhuma exterioridade, o continente absoluto. Tornando possível o mundo de que são parte e conteúdo, as plantas destroem a hierarquia topológica que parece reinar sobre o cosmos. Demonstram que a vida é uma ruptura da assimetria entre continente e conteúdo. (Coccia, 2016, p. 17).

Seguindo a vida das plantas e observando como elas se comportam o autor nos mostra que elas negam qualquer ordem hierárquica entre os seres, entre o que está fora e o que está dentro, entre totalidade e elemento. Elas povoaram a atmosfera de oxigênio que por sua vez inunda de vida outros seres, elas estão em processo alquímico constante transformando luz em vida. As plantas transformaram a terra num espaço em que tudo se mistura com tudo, assim como a respiração faz com o que está fora, esteja dentro. “Respirar significa estar imerso num meio que nos penetra com a mesma intensidade com que nós o penetramos” (Coccia, 2016:56). O autor propõe então uma filosofia da natureza onde a natureza não é um princípio separado onde estão de um lado o conjunto lógico de todos os objetos e do outro a totalidade metafísica dos seres,

Não há nenhuma separação entre a matéria e o imaterial, a história e a física. Num plano mais microscópico, a natureza é o que permite estar no mundo, e, inversamente, tudo o que liga uma coisa ao mundo faz parte de sua natureza. (Coccia, 2016, p.23).

A separação entre Natureza e Cultura é, portanto uma tentativa de fazer com que a ação dos elementos naturais seja invisibilizada no resultado das transformações humanas. A partir da perspectiva desses autores conclui-se ser de extrema relevância para a antropologia, bem como para os usuários das plantas com fins medicinais e fitoterápicos uma pesquisa que analise a produção de conhecimento em cura a partir de um olhar que busca superar o entendimento do mundo pautado na delirante hierarquia entre Natureza e Cultura. Acredita-se que essa mudança de perspectiva pode fazer saltar aos olhos o que ainda não foi percebido simplesmente por não estar sendo observado de

forma que leve em consideração o papel fundamental de não-humanos e objetos na produção do social.

MARCO TEÓRICO

Com o advento da medicina e da farmácia modernas o uso das plantas com fins medicinais tem sido progressivamente considerado, no ocidente, uma prática alternativa ou complementar aos recursos terapêuticos empregados pelo modelo biomédico, porém, o uso do Reino Vegetal na prevenção e tratamento de doenças e enfermidades foi predominante ao longo da maior parte da história da humanidade e em todas as sociedades, desde tempos remotos, foram identificados conhecimentos sobre as propriedades medicinais das plantas locais. “Isso significa que praticamente com exceção do século XX, toda a história da cura encontra-se intimamente ligada às plantas medicinais e aos recursos minerais”. (ALMEIDA, MZ; 2011 p.35).

Essa mudança de enfoque nas práticas de cura está intimamente ligada ao processo de institucionalização tanto da medicina como da farmácia. A primeira separação legal do exercício da medicina e da farmácia (na época exercida por boticários) que se tem registro ocorreu em 1162 na cidade de Ales na França e em 1240 foi proibida na Itália qualquer sociedade entre médicos e boticários ficando estabelecido que estes últimos devessem administrar os medicamentos de acordo com as prescrições dos primeiros. Teve início também a necessidade de um controle dos preços dos medicamentos e progressivamente essas normas foram sendo adotadas por toda a Europa. (DIAS, 2005). Observa-se então que a área farmacêutica vai se desenvolvendo também como um ramo comercial, “a farmácia é uma combinação exclusiva de profissão e negócios”. (DENO *et al.*, 1959).

Até o final da idade média e início da idade moderna toda a trajetória de desenvolvimento das práticas de cura foram construídos empiricamente através de uma relação de observação e proximidade com a natureza, porém com o Renascimento⁴ houve a retomada das influências da Antiguidade Clássica Greco-Romana promovendo o fortalecimento de valores como o individualismo, o antropocentrismo e o humanismo

⁴ Movimento iniciado pela crítica ao controle exercido pela Igreja Medieval e seus dogmatismos religiosos; Processo que ocorreu nos fins da Idade Média e perdurou até meados da Idade Moderna.

que viabilizaram além das inovações econômicas, políticas e culturais uma revolução no pensamento científico. (COSTA, I. L, 2016).

Essa revolução do pensamento científico chegou ao seu apogeu no século XVII e foi impulsionada por Frances Bacon (1561 – 1626 d.C), considerado o inventor do método experimental e indutivo que tem por finalidade dar ao homem o domínio da realidade “[...] Assim, desvendar o modo como os fenômenos ocorrem significa conhecer as possibilidades de manipulá-los”, uma vez que para Bacon “Conhecer é Poder”. (CARVALHO, A. B, 2010, p.4). Outro grande nome foi René Descartes (1596-1650) que aprofundou em suas obras, dentre elas o “Discurso do Método”, as bases do pensamento Baconiano estabelecendo os alicerces para o método científico racional. Para Descartes um método deveria ser extremamente criterioso, pautado na razão e capaz de eliminar as dúvidas, privilegiando a matemática e os dados quantitativos numa espécie de matematização da natureza. Foi responsável também pelo dualismo Corpo-Mente onde a mente é superior ao corpo e a razão superior à emoção. “[...] escreveu um importante livro médico, o *Traité del’homme* (1662), considerado como o primeiro texto de fisiologia, onde o homem é apresentado como uma máquina física com alma imaterial”. (DIAS, 2005, p. 51).

Essa mudança de paradigma no fazer científico teve desdobramentos considerados muito positivos, porém uma análise crítica dessas transformações pode ser vista no livro “Dialética do Esclarecimento” (1947) de Theodor Adorno (1906 – 1969 d.C) e Max Horkheimer. Essa obra propõe um diagnóstico das mudanças que acometeram a sociedade ocidental com o advento da modernidade a partir de uma análise crítica do paradigma do Esclarecimento (*Aufklärung*) proposto pelo filósofo Immanuel Kant (1724 – 1807 d.C). Para Kant o Esclarecimento seria a saída do homem de sua minoridade provocada por ele.

Esclarecimento é a saída do homem de sua minoridade, da qual ele próprio é culpado. A minoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa minoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem (Kant, 1783/1985, p.100).

Já na análise proposta por Adorno e Horkheimer, o Esclarecimento é entendido como um processo histórico de libertação dos indivíduos do medo de uma natureza desconhecida repleta de poderes ocultos que são explicados pelos mitos, portanto se

libertar desses mitos é se libertar da própria natureza. Essa libertação ou desmitologização culmina num “desencantamento do mundo⁵”, que por sua vez viabiliza a racionalização que avança tanto na filosofia como na ciência. Abandonar os mitos representa abandonar a ideia de que a natureza é superior ao homem e que esta o controla, portanto com essa mudança de paradigma é possível para os sujeitos controlarem a natureza externa e interna, tornando-se “Senhores do Mundo”. Essa cisão entre homem e natureza permite a consolidação da racionalidade técnico-científica legitimada pelo método cartesiano e matemático e representada pela ideia de verdades puras e incontestáveis, que por sua vez se transformam em instrumentos de dominação dos homens sobre as coisas, sobre outros homens e sobre si mesmos.

Nesse sentido abandonar os mitos e seguir a cartilha do Esclarecimento deveria ser a garantia do progresso e do desenvolvimento que libertaria a humanidade das suas mazelas, incluindo doenças e enfermidades. Porém o que Adorno e Horkheimer apontam é que ao invés de atingir tais promessas o Esclarecimento se tornou um projeto totalitário de mitificação das massas, que ao invés de conduzir a humanidade para autonomia e emancipação por meio da racionalidade instrumental técnico-científica, acabou por subjugar-la, manipulá-la e coisificá-la. É justamente esse espírito de controle hegemônico do conhecimento e seu postulado de verdades incontestáveis que foram empurrando os terapeutas populares e seus conhecimentos sobre as plantas medicinais para as margens ocupando os postos de “alternativos” e “complementares”, enquanto o fortalecimento da ciência moderna conduziu a medicina, a farmácia e posteriormente a indústria farmacêutica a construir o terreno que tem configurado aos medicamentos químicos-sintéticos-industriais uma hegemonia na terapêutica contemporânea.

No Brasil o processo foi semelhante ao ocorrido na Europa, ou seja, os conhecimentos sobre o poder curativo das plantas foi sendo suprimido pelo conhecimento técnico e hegemônico das ciências modernas. Salgado, T. S. (1998) em seu trabalho intitulado “Barbeiros-sangradores e Curandeiros no Brasil (1808—28)” analisa os documentos da Fisicatura-mor do reino, órgão responsável pela

⁵ Max Weber, A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

regulamentação e fiscalização das diversas atividades relacionadas à saúde pública e práticas médicas em Portugal e seus domínios. Os ofícios listados pelo órgão eram os de cirurgião, sangrador, boticário, parteira, médico e curandeiro. A fiscalização era dividida entre o físico-mor responsável pelas práticas médicas relativas à prescrição de remédios (boticários, curandeiros) e o cirurgião-mor responsável pelas práticas relacionadas às intervenções cirúrgicas (cirurgião, barbeiro, parteira). Após fiscalização o órgão poderia conceder licenças de atuação que eram geralmente provisórias valendo por um ou dois anos.

Os documentos da época revelam que já havia uma hierarquia no reconhecimento legal das práticas de cura sendo os médicos os mais conceituados e os curandeiros os menos valorizados “os curandeiros representavam a contrapartida do conhecimento dos boticários sobre medicamentos” (SALGADO, T.S, 1998, p. 352). A hierarquia também estava diretamente relacionada à posição ocupada pelos terapeutas, portanto, escravos, pobres e mulheres exerciam os ofícios menos prestigiados como sangradores, curandeiros e parteiras. Apesar da hierarquização estabelecida pela Fisicatura-mor que desvalorizava formalmente os conhecimentos e práticas de cura popular, nos vinte anos de fiscalização desse órgão os terapeutas populares foram reconhecidos como possuidores de saber legítimos, uma vez que tinham conhecimentos sobre a natureza da região e eram reconhecidos pela comunidade, o que veio a mudar drasticamente com a institucionalização da medicina entre 1820 e 1830.

Durante o período de existência da Fisicatura-mor, o contexto não era de medicalização da sociedade, de imposição de padrões científicos, de higienização das cidades, de modificação e normalização de condutas, o que torna a documentação da Fisicatura-mor mais importante, vez, que depois do seu término, não se tem notícia de outro qualquer órgão público que tivesse o objetivo de fiscalizar e autorizar as práticas médicas as mais variadas, registrando assim práticas populares de cura. A partir da década de 1830, a relação entre a medicina popular e a medicina acadêmica mudou paulatinamente: já não se tratava então de enquadrar minimamente as práticas populares nas concepções da medicina acadêmica, mas simplesmente de desautorizá-las. (SALGADO, T.S, 1998, p. 352 - 353).

Em outro trabalho intitulado “Transformações no exercício de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos” Salgado, T.S. (2004) analisa como a institucionalização da medicina acadêmica se impôs as demais práticas de curar tendo a

seu favor a ação de órgãos fiscalizadores cada vez mais rigorosos que foram aos poucos sufocando esses ofícios. Em 1828 com a extinção da Fisicatura-mor os curandeiros, ou seja, os terapeutas que possuíam os conhecimentos das plantas medicinais nativas e sabiam como emprega-las para tratar doenças típicas de sua região, foram desautorizados e excluídos do conjunto de atividades legais uma vez que esse reconhecimento passou a ser realizado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Assim sucessivamente as demais práticas dos terapeutas populares foram sendo desautorizadas. Somando-se a esse processo em meados de 1846 foi recomendado pelo secretário de polícia da corte a proibição da venda de remédios por boticários sem a receita de um médico cirurgião, reforçando o lugar de superioridade da medicina.

Somando-se a esse contexto já no final do século XIX começaram a surgir no cenário mundial às primeiras indústrias farmacêuticas de grande porte e em 13 de março de 1877 John Wyeth & Brother registrou nos Estados Unidos a patente da criação do comprimido, o que representou um grande salto da indústria farmacêutica uma vez que viabilizou a produção de medicamentos em larga escala e aumentou exponencialmente sua distribuição. No século XX ocorreu a difusão das matérias-primas sintéticas e dos princípios ativos sustentados na síntese química representando uma verdadeira revolução farmacológica (DIAS, 2005).

METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA (MÉTODO)

Como apresentado anteriormente à pesquisa vai partir da perspectiva da Antropologia Simétrica, mas como proceder em pesquisas pautadas em simetria? Latour (2006) apresenta uma proposição no livro “Reagregando o social: Uma introdução a Teoria do Ator-Rede” (TAR) onde sistematiza o percurso a ser seguido pelo pesquisador que adotar esse referencial teórico-metodológico também conhecido por Sociologia das Associações ou Sociologia Simétrica. O primeiro passo a ser adotado, sobretudo pelo cientista social, é sair da zona de conforto intelectual a respeito do entendimento proposto pela sociologia clássica do que seria o “Social”. Na perspectiva clássica pautada por Émile Durkheim - denominada por Latour de “Sociologia do Social” - o Social é entendido [...] “como um tipo especial de causalidade para explicar os aspectos residuais que escapam a outros domínios (psicologia, direito, economia, etc.)”. (LATOUR, 2012, p. 20). Já na Sociologia das Associações o social é o que se produz nas associações entre os diversos domínios (psicologia, direito, economia,

linguística, etc.). Para fundamentar seu argumento Latour retoma a etimologia da palavra social que em sua raiz latina *socius* também significa uma série de associações entre elementos heterogêneos.

Os elementos heterogêneos são como já vimos são humanos e não-humanos que se conectam numa perspectiva relacional e simétrica onde os sujeitos não-humanos não estão em posição de subordinação. Eles se estabelecem como pontos ou nós dentro de redes e é no tráfego, nas trocas dentre os dutos, nas conexões entre os pontos que compõe a rede que se constrói o social. Esses elementos podem se combinar e recombinar diversas vezes dando lugar a novos agrupamentos. As associações podem se mover em diferentes velocidades e acelerações, portanto para compreender o social é necessário seguir os atores, ou melhor, os actantes através das redes que eles se transportam. O termo actante é empregado da semiótica e é utilizado justamente pela compreensão de que existe atuação simétrica dos agentes humanos e não-humanos, diferente da Sociologia do Social que entende por atores apenas os humanos.

O termo “actante”: “significa tudo aquilo que gera uma ação, que produz movimento e diferença [...] ele é o mediador, o articulador que fará a conexão e montará a rede nele mesmo e fora dele em associação com outros. (CAVALCANTE, R.B *et al*, 2005, p.3).

Outro ponto fundamental é que para Latour a Sociologia do Social percebe os atores apenas como “informantes” que não estão aptos o suficiente para compreender o contexto de suas existências, o que será feito pelos olhos treinados e disciplinados dos cientistas sociais; mas na Sociologia das Associações,

[...] os membros sabem *muito* bem o que estão fazendo, mesmo quando não falam a respeito para satisfação dos curiosos; que os atores nunca estão inseridos num contexto social e são, por isso mesmo, muita mais que meros “informantes”; que, portanto, não há sentido em acrescentar “fatores sociais” a outras especialidades científicas. (LATOURE, 2012, p.22)

Em relação às categorias de análise o autor orienta que as mesmas devem ser identificadas no percurso que o pesquisador faz seguindo os actantes na rede, pois somente nesse trajeto será possível perceber as interações, as associações e os sentidos que estão sendo produzidos, pois como argumenta o autor: “Mas você já viu algum

pintor que inicie sua obra-prima escolhendo primeiro a moldura? Isso seria meio estranho, não?” (LATOURE, 2012, p.208). Sendo assim não faz sentido escolher a moldura antes mesmo que a tela seja pintada, embora o autor compreenda que o pesquisador tenha suas referências teóricas antes de adentrar o campo é preciso que o mesmo seja flexível e escute o que o campo está dizendo. Os passos propostos pela TAR convidam não só os cientistas sociais, mas também os cientistas naturais e filósofos a um olhar que supera os dualismos e devolve aos não-humanos o lugar que nunca deixaram de ocupar, mas que no delírio moderno deixaram de ser percebidos.

Diante do exposto o *locus* para a realização da pesquisa foi escolhido a partir de um recorte espacial elencando o Município de Vitória no Estado do Espírito Santo por que o mesmo apresenta inicialmente quatro pontos de rede onde as plantas medicinais estão no foco central como práticas de cura. O primeiro ponto é composto por três lojas no tradicional mercado da Vila Rubim (Ervas Mediciniais Confiança, Nonato Rei das Ervas e Farma Ervas). O segundo é o Parque Municipal de Tabuazeiro, localizado no bairro Tabuazeiro e que possui um Viveiro de Plantas Mediciniais com cerca de 300 espécies, onde cada usuário tem direito a 4 maços e/ou 3 mudas por mês de plantas medicinais. O terceiro é a Pastoral da Saúde da Paróquia São José, no bairro Maruípe que produz medicamentos naturais para diversas enfermidades e são disponibilizados a preço de custo. E por fim a médica Henriqueta Tereza do Sacramento idealizadora do Programa de Fitoterapia no SUS do município de Vitória, onde é referência técnica em Fitoterapia e demais práticas integrativas e complementares e também é autora do livro “*Plantas que dão vida: benefícios das plantas medicinais para a saúde*”.

O procedimento inicial para rastrear e mapear o campo será, portanto adentrar a rede por um dos seus pontos e buscar descrever os processos em cada um desses pontos, bem como identificar como se dá o tráfego e as trocas dentre os dutos que compõem a rede de produção de conhecimento em práticas de cura a partir do uso das Plantas Mediciniais e Fitoterápicos. Os métodos de pesquisa empregados serão entrevistas em profundidade, observação participante quando possível e demais coletas de dados de acordo com o que for sendo apresentado pelo campo.

Espera-se com isso lançar luz a um cenário que pode conter elementos importantes para o enfrentamento do fenômeno da Medicalização/Medicamentação e também para o fortalecimento da autonomia dos sujeitos em suas práticas de cura e por fim pensar as plantas medicinais como autores centrais tão importantes como os humanos nesse processo.

CRONOGRAMA

CRONOGRAMA		CRONOGRAMA	
MESES	ATIVIDADES	MESES	ATIVIDADES
Novembro-Dezembro 2019	Revisão Bibliográfica. Etnografia. (Produção da Dissertação de Mestrado). Redação da primeira versão do Texto de Qualificação.	Março-Junho 2019	Revisão Bibliográfica. Reformulação do Projeto de Pesquisa.
Janeiro-Março 2020	Revisão Bibliográfica. Etnografia. (Produção da Dissertação de Mestrado) Exame de Qualificação.	Julho-Setembro 2019	Revisão Bibliográfica. Revisão de Projeto de Pesquisa. Levantamento da Rede de Produção de Conhecimento em Plantas Medicinais e Fitoterápicos no Município de Vitória – ES.
Abril-Março 2020/21	Revisão Bibliográfica. Etnografia. (Produção da Dissertação de Mestrado). Defesa da Dissertação.	Setembro-Novembro 2019	Revisão Bibliográfica. Adentrando a Rede (Etnografia): Observação Participante e Entrevistas em Profundidade nos Pontos de Rede Identificados. Apresentação dos primeiros dados do Campo no IV Seminário de Ciências Sociais PGCS UFES - 05 a 08 de novembro 2019.

ESBOÇO CAPÍTULOS

Esboço dos Capítulos

1. INTRODUÇÃO
2. MARCO TEÓRICO
 - 2.1. DEFINIÇÕES E CONCEITOS
3. PLANTAS
 - 3.1 PLANTAS MEDICINAIS
4. A REDE
 - 4.1 DESCREVER CADA PONTO DA REDE
5. QUESTÕES SOCIOANTROPOLÓGICAS ENCONTRADAS NO CAMPO
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
8. APÊNDICE

PRODUTOS

Elaborar catálogo com os principais pontos de rede identificados, com as plantas medicinais mais utilizadas e com registro de memória (depoimentos e relatos pertinentes que aparecerem no campo).

Elaborar Projeto para o Edital Funcultura (SECULT – ES). Eixos: Diversidade Cultural Capixaba; Culturas Populares Tradicionais; Educação Patrimonial.

Publicação de artigo em revistas especializadas tipo A1 e/ou B2.

Apresentação em Congresso e Seminários.

REFERÊNCIAS

- ABÍLIO, G. M. F. **Cadernos de Licenciatura em Ciências Agrárias – Volume 6. Caderno Especial 03 - Plantas Medicinais**. Editora Universitária da UFPB. João Pessoa – PB. 1ª edição. 2011. p. 04-44.
- ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**, [1947]; trad. Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 1985.

ALCADIPANI, R.; TURETA, C. **Teoria Ator-Rede e estudos críticos em administração: possibilidades de um diálogo.** Cad. EBAPE. BR, v. 7, n. 3, p. 405-418, 2009.

ALMEIDA, MZ. **Plantas medicinais: abordagem histórico-contemporânea.** In: Plantas Medicinais [online]. 3rd ed. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 34-66. ISBN 978-85-232-1216-2.

Alves DL, Silva CR. *Fitohormônios: abordagem natural da terapia hormonal.* São Paulo: Atheneu; 2002.

ANTONIO, G.D.; TESSER, C.D.; MORETTI-PIRES, R.O. **Contribuição das Plantas Medicinais para o cuidado e a promoção da saúde na atenção primária.** Interface (Botucatu), v.17, n.46, p.615-33, jul./set. 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. **Uso de Medicamentos e Medicalização da Vida: recomendações e estratégias.** Brasília: 2018. 33 p.

BARROS, J.A.C. **Estratégias mercadológicas da Indústria Farmacêutica e o consumo de medicamentos.** Rev. Saúde públ; S. Paulo, 17:377-86, 1983.

_____. **A (des) informação sobre medicamentos: o duplo padrão de conduta da indústria farmacêutica.** *Cadernos Saúde Pública*, 76(2):110-119, 2000.

CARVALHO, A. B.. **A filosofia da educação moderna: Bacon e Descartes.** In: Unesp. Pró-reitoria de Graduação. (Org.). Caderno de formação: formação de professores: educação, cultura e desenvolvimento. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, v. 2, p. 31-42.

CARVALHO, A. C. B.; SILVEIRA, D. **Drogas vegetais: uma antiga nova forma de utilização de plantas medicinais.** *Brasília Médica*, v. 47, p. 218-236, 2010.

CAVALCANTE, R. B.; *et al.* **A Teoria Ator-Rede como referencial teórico-metodológico em pesquisas em saúde.** *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 24, p.e 0910017, 2017.

COSTA, I. L. S. **A Transição da Idade Média para a Idade Moderna: Uma Análise Crítica.** *Revista Tempo de Conquista*, v. 19, p. 1-14, 2016.

COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas – Uma metafísica da mistura**. Paris: Éditions Payot & Rivages, 2016.

CUNHA, A. P. **Aspectos históricos sobre plantas medicinais, seus constituintes ativos e fitoterapia**. ESALQ/USP, 2005. Base de dados. Disponível em: http://www.esalq.usp.br/siesalq/pm/aspectos_historicos.pdf>. Acesso em 18/07/2019.

DANTAS, J.P. **Tecnificação da Vida: uma discussão sobre o discurso da medicalização da sociedade**. Fractal: Revista de Psicologia, v. 21, p. 563-580, 2009.

DENO, R.A, ROWE TD & BRODIE DC. **The profession of pharmacy – an introductory textbook**. Philadelphia: JB Lippincott Company, 1959. 256 p.

DESCARTES, R. **Meditações**. São Paulo: Nova cultural, 1987a (Os Pensadores).

_____. **Discurso do método**. São Paulo: Nova Cultural, 1987b (Os Pensadores).

DEVIENNE, K. F.; RADDI, M. S. G. ; POZZETTI, G. L. . **Das plantas medicinais aos fitofármacos**. Revista Brasileira de Plantas Medicinais (Impresso), v. 6, p. 11-14, 2004.

DIAS, José Pedro Sousa. **A Farmácia e a História: uma Introdução à História da Farmacologia e da Terapêutica**. Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa; Lisboa;72p.2005.

FIRMO, W. C. A. *et al.* **Contexto histórico, uso popular e concepção científica sobre plantas medicinais**. Cadernos de Pesquisa, v. 18, p. 90-95, 2011.

FOUCAULT, M. **O nascimento da medicina social**. In: Machado R, organizador. Microfísica do poder. 7ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018. p. 143-170.

_____. **A política da saúde no século XVIII**. In: Machado R, organizador. Microfísica do poder. 7ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018. p. 296-317.

_____. **O nascimento do hospital**. In: Machado R, organizador. Microfísica do poder. 7ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018. p 171-189.

_____. **Aula de 17 de março de 1976. Em defesa da sociedade: curso no Collège de France**. São Paulo: Martins Fontes; 1999. p. 285-315.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal; 1999.

GOTZSCHE, Peter C. **Medicamentos mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica** [recurso eletrônico] /Peter C. Gotzsche

;tradução: Ananyr Porto Fajardo ; revisão técnica: Daniel Knupp Augusto. – Porto Alegre : Bookman, 2016.

GUIMARÃES, Luzinete de Araújo Lima. **Saberes populares e científicos: uso de plantas medicinais na educação e saúde**. Dissertação de Mestrado. Ano 2013. 87f. (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí.

JORQUERA CS. **Utilización industrial de plantas medicinales**. In: *Workshop presented in UNIDO in Latin America*; 1993 jul 11-17; Guatemala; 1993.

KANT, I. **Resposta à Pergunta: O que é “Esclarecimento”?** (1783/1985), In Kant, I. *Textos Seletos*, Rio de Janeiro: Vozes.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos: ensaios de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

_____. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

_____. **Reagregando o social: uma introdução à Teoria do AtorRede**. Salvador: EDUFBA, 2012.

PIRES, M. J. P. **Aspectos históricos dos recursos genéticos de plantas medicinais**. *Rodriguésia*, v. 35, n. 59, p. 61-66, 1984.

RIBEIRO, L.G.; M; JURUENA . **Médicos, Indústria Farmacêutica e Propaganda: que relação é essa?**. *Saúde & Transformação Social / Health & Social Change*, v. 4, p. 3-10, 2013.

ROCHA *et al.* **O uso terapêutico da flora na história mundial**. *HOLOS*, Ano 31, Vol. 1 p.49-61. Ano 2015.

ROSSETTO, E. R.; ROSA, M. D. . **A matematização da natureza na revolução científica do século XVII**. *Revista Georaguáia*, v. 6, p. 17-31, 2016.

SACRAMENTO, HENRIQUETA TEREZA DO. **A implementação da política nacional de práticas integrativas e complementares no município de Vitória-ES: percepção dos médicos e gestores**. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória, EMESCAM, Brasil 2015. p 117.

SALGADO, T.S. **Barbeiros-sangradores e Curandeiros no Brasil (1808—28)**. História, Ciência, Saúde – Manguinhos, vol. V(2): 349-72, Jul. Oct. 1998.

_____. **Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos**. História, Ciência, Saúde – Manguinhos, vol. 11: 67-9, 2004.

SANVITO, W. L. **Indústria farmacêutica: uma abordagem crítica**. Rev Bras Clin Med. São Paulo, 2012 jul-ago;10(4):346-50.

TESSER, Charles Dalcanale. **A verdade na biomedicina, reações adversas e efeitos colaterais: uma reflexão introdutória**. PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 17(3):465-484, 2007.

TOMAZZONI, M. I.; NEGRELLE, Raquel Rejane Bonato ; CENTA, Maria de Lourdes. **Fitoterapia popular: a busca instrumental enquanto prática terapêutica**. Texto Contexto Enfermagem, Florianópolis/SC, p. 115 - 121, 23 fev. 2006.